



**CyP**

Revista Cambios y Permanencias  
Publicación multi e interdisciplinar  
orientada a los estudios sociales

## **Revista Cambios y Permanencias**

Grupo de Investigación Historia, Archivística y Redes de Investigación

Vol.11, Núm. 1, pp. 1804-1835 - ISSN 2027-5528

### **Mosteiro e Colégio de São Bento: um estudo centrado na educação monástica e seus monumentos**

**Monasterio y Colegio de São Bento: un estudio centrado en la educación monástica y  
sus monumentos**

**Cristiane Correa Strieder**

orcid.org/0000-0001-7616-7104  
Universidade de Sorocaba (UNISO).

**Vania Regina Boschetti**

orcid.org/0000-0001-51192987  
Universidade de Sorocaba (UNISO).



Grupo de  
Investigación  
Historia  
Archivística y  
Redes de  
Investigación



Universidad  
Industrial de  
Santander

Universidad Industrial de Santander / [cambiosypermanencias@uis.edu.co](mailto:cambiosypermanencias@uis.edu.co)

# Mosteiro e Colégio de São Bento: um estudo centrado na educação monástica e seus monumentos

Cristiane Correa Strieder  
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Pós-Graduação lato sensu: Psicopedagogia e Didática do Ensino Superior.

Pós-Graduação Strictu Sensu: Mestrado em Educação pela Universidade de Sorocaba (2017-2010).

Aluna do Departamento de Pós-Graduação – Doutorado em Educação pela Universidade de Sorocaba (desde 2017).

Rede Pública Estadual -Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Correo electrónico: [cristrieder@gmail.com](mailto:cristrieder@gmail.com)

ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0001-7616-7104>

Vania Regina Boschetti  
Universidade de Sorocaba (UNISO)

Rede Pública Estadual -Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Correo electrónico: [vania.boschetti@prof.uniso.br](mailto:vania.boschetti@prof.uniso.br)

ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0001-51192987>

## Resumo

A pesquisa tem como objetivo entender os monumentos católicos como recursos que exibem e perpetuam seus valores. Indica a presença e atuação da Ordem de São Bento na educação e cultura, expansão e difusão de seus princípios representados simbolicamente em suas construções religiosas e instituições educacionais evidenciadas por uma pedagogia da memória. Considerando que a sociedade está mudando constantemente, buscamos entender como os dogmas do governo de São Bento foram e se espalharam por suas instituições

escolares. Portanto, a metodologia de pesquisa enfoca a pesquisa monumental e iconográfica do complexo monástico de São Bento, na cidade de São Paulo, Brasil, e como esses elementos estão associados a fatores pedagógicos, metodologia e recepção de conceitos por meio de a simbologia. A análise descritiva está inserida no estudo das características do Mosteiro de São Bento, com o objetivo de compreender sua função como instituição escolar. A pesquisa documental visa coletar dados que favoreçam a verificação de práticas de apoio à escola. Empiricamente, os depoimentos do responsável pelo mosteiro, das autoridades da Ordem de São Bento e o diálogo com os alunos e participantes da instituição da escola monástica ajudam a esclarecer os elementos simbólicos presentes na atual educação beneditina.

**Palavras-chave:** Educação confessional, Monumento, Ordem de São Bento.

### **Monasterio y Colegio de São Bento: un estudio centrado en la educación monástica y sus monumentos**

#### **Resumen**

La investigación tiene como objetivo entender los monumentos católicos como recursos que exhiben y perpetúan sus valores. Señala la presencia y el desempeño de la Orden de São Bento en educación y cultura, expansión y difusión de sus principios representados simbólicamente en sus construcciones religiosas e instituciones educativas evidenciadas por una pedagogía de la memoria. Considerando que la sociedad está en constante transformación, buscamos comprender cómo los dogmas del gobierno de São Bento fueron y se propagan a través de sus instituciones escolares. Por lo tanto, la metodología de investigación se centra en la investigación monumental e iconográfica del conjunto monástico de São Bento en la ciudad de São Paulo, Brasil, y cómo estos elementos están asociados con factores pedagógicos, metodología y la recepción de conceptos a través de la simbología. El análisis descriptivo se inserta en el estudio de las características del Monasterio de São Bento, con el objetivo de comprender su función como institución

escolar. La investigación documental tiene como objetivo recopilar datos que favorecen la verificación de las prácticas que apoyan a la escuela. Empíricamente, los testimonios de la persona a cargo del monasterio, de las autoridades de la Orden de São Bento y el diálogo con los estudiantes y participantes de la institución de la escuela monástica ayudan a aclarar los elementos simbólicos presentes en la educación benedictina actual.

**Palabras clave:** Educación confesionario, Monumento, Orden de São Bento.

### **Monastery and College of São Bento: a study centered on monastic education and its monuments**

#### **Abstract**

The research aims to understand Catholic monuments as resources that exhibit and perpetuate their values. It indicates the presence and performance of the Order of São Bento in education and culture, expansion and diffusion of its principles symbolically represented in its religious constructions and educational institutions evidenced by a pedagogy of memory. Considering that society is constantly changing, we seek to understand how the dogmas of the São Bento government were and spread through its school institutions. Therefore, the research methodology focuses on the monumental and iconographic research of the São Bento monastic complex in the city of São Paulo, Brazil, and how these elements are associated with pedagogical factors, methodology and the reception of concepts through the symbology. The descriptive analysis is inserted in the study of the characteristics of the São Bento Monastery, with the aim of understanding its function as a school institution. Documentary research aims to collect data that favors the verification of practices that support the school. Empirically, the testimonies of the person in charge of the monastery, of the authorities of the Order of São Bento and the dialogue with the students and participants of the monastic school institution help to clarify the symbolic elements present in current Benedictine education.

**Keywords:** Education confessional, Monument, Order of São Bento.

## 1 Introdução

A opção pelo estudo do mosteiro beneditino situado na capital de São Paulo, Brasil, no presente trabalho resultou do tema genérico que vem sendo analisado na tese de doutorado. Um assunto que implica o estudo da influência dos monumentos na educação, a sua dinâmica e implementação física edificada, assim como uma análise de seus pertences como contribuição para o reconhecimento da influência estrutural na história e historiografia da educação, sua implicação nas formas, na estética, na estrutura, na simbologia relativa ao processo pedagógico e seu impacto na formação de seus alunos.

Neste contexto, o mosteiro, local onde perpetua o saber medieval da ordem beneditina, surge na capital paulista como casa religiosa e posteriormente com a função que lhe confere a constituição de um sistema de ensino, uma vez que em 1903 também passou a funcionar como instituição escolar.

Sua estrutura pedagógica, seu significado para a compreensão desse processo na cidade de São Paulo no período atual, mas que fora desenvolvido na Idade Média, confere-lhe uma imagem que não deve ser ignorada devido ao valor do colégio para os paulistanos em geral. Mesmo sendo destinado a uma classe privilegiada, como monumento a instituição é também a representação da história de um povo, logo, as reformas e alterações estruturais caminham de forma a se complementarem com os aspectos relativos à educação oferecida.

Baseando-se em autores como Jaques Le Goff, Antônio Viñao Frago, Agustín Escolano, Dermeval Saviani, Ester Buffa e Gelson Almeida Pinto, na consulta a documentos, entrevistas com responsáveis do setor de comunicação de mosteiros beneditinos e análise da arquitetura, apresenta como hipótese a presença e participação da Ordem de São Bento, que tem como finalidade a propagação e perpetuação dos dogmas católicos, valores morais e comportamentos específicos, simbolicamente representados por meio da arquitetura e monumentos não só religiosos como os mosteiros, mas também como instituições de ensino evidenciadas por uma pedagogia de memória.

Tal análise responde à questão de como a pesquisa das características arquitetônicas de uma escola de ordem monástica beneditina – mosteiro e colégio de São Bento – assim como seus elementos monumentais podem contribuir para a compreensão da instituição escolar católica na atualidade.

Assim, a metodologia da pesquisa foca na investigação monumental e iconográfica do conjunto monástico de São Bento na cidade de São Paulo, Brasil, e como tais elementos associam-se aos fatores pedagógicos, metodologia e recepção de conceitos por meio da simbologia. A análise descritiva insere-se no estudo das características do Mosteiro de São Bento, com o objetivo de compreender sua função como Instituição Escolar.

A pesquisa documental visa levantamento de dados que favoreçam a constatação das práticas que fundamentam o colégio. Empiricamente, os depoimentos do responsável pelo mosteiro, das autoridades da Ordem de São Bento e diálogo com os alunos e participantes da instituição escolar monástica auxiliam no esclarecimento sobre os elementos simbólicos presentes na educação beneditina vigente.

Uma vez que se atribui à educação a função de transformadora social e a sociedade sofre alterações através do tempo, a forma como os princípios da Regra de São Bento é transmitida no cotidiano escolar, mesmo passando por modificações e adequações constantes, ainda perpetuam os preceitos beneditinos nas ações sociais daqueles que deles se apropriaram enquanto alunos de suas escolas.

## **2 Conceito de monumento**

Muitos são os fatores que influenciam o processo ensinar/aprender, no entanto, o que mais parece chamar atenção são os recursos verbais que compõem ações pedagógicas deixando para segundo plano a linguagem semiótica. O que parece é que a prática de ensinar esteja desvinculada ao meio em que o educando se encontra, ou seja, a sala de aula, o espaço usado para a aprendizagem acontecer, o prédio escolar, iluminação, as cores, os artefatos enfim tudo que participa de tal ambiente.

Analisar o processo cognitivo sob esse prisma dentro de uma instituição religiosa torna-se interessante, uma vez que esse local esteja impregnado de ícones de valor educacional, por isso, pesquisar o mosteiro e colégio de São Bento em São Paulo, através de uma ótica pedagógica é o objetivo principal dessa pesquisa, a considerar-se que monumentos são maneiras que o homem tem de apresentar e manter eterno seus feitos, sua organização política, social, econômica de diversas formas, ou seja, frutos de uma ação que registra e, de certo modo, perpetua as características de uma região através do tempo. Saviani (2004, p.6) observa que as fontes são testemunhos de atos históricos “é delas que brota, é nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história”.

Diante desse contexto, compreende-se que o estudo dos documentos e monumentos, colaborador para a compreensão de estruturas que ocorrem no presente, move-se de acordo com diferentes ideologias, sejam essas políticas, filosóficas, religiosas, entre outras. Cerri (1998) esclarece que “[...] essa identidade é generalizada socialmente numa complexa interação entre interesses dominantes, elementos da cultura popular, ideologia, história e educação, donde nasce o nacionalismo enquanto sentimento e projeto político sob vários olhares possíveis” (Cerri, 1998).

Sob esse prisma, no que diz respeito à educação, Buffa e Pinto (2002) explicam sobre a importância que há na relação do prédio escolar e a ação pedagógica, observando sua representação em determinado período, mostrando que toda construção arquitetônica tem uma intenção materializada. Mas em muitos casos, a observação de monumentos induz à crença, ou aceitação de uma determinada ideologia social ou política sem que se questione a intencionalidade do veículo o qual apresentou a informação. No entanto, de acordo com Orlandi (1999, p. 42) “a imagem que temos das coisas se constitui no confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discurso e instituições”.

Sob essa ótica, é possível pensar que os monumentos estão carregados de informações necessárias para reflexões sobre aspectos que envolvem a sociedade como um todo. Bloch (2001, p.79) afirma que “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. Esse posicionamento vem de acordo com Orlandi (1999, p.42) quando expõe “[...] Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas, estão aquém e além delas”.

Porém, estátuas, construções, fotografias habitualmente não são reconhecidas como fontes históricas e tendem a ser apresentadas sob única perspectiva, ou somente interpretadas como elemento ilustrativo, como se fossem compreendidas como verdade absoluta, sem possibilidade de alterações ou acréscimos ao contexto o qual pertencam, sem apresentar contradições o que promove, muitas vezes, um conceito que somente superestime uma determinada categoria de classe, como aponta Reis apud Saviani (2016, p.36): “A história tradicional era um “olhar a partir de cima: psicológica, elitista, biográfica, qualitativa, visava o particular, o individual e o singular, era legitimadora, partidária, comemorativa, uma justificadora do poder presente” .

Para Le Goff (2003, p.48), essa colocação faz sentido, pois o autor alerta que a sociedade, em sua coletividade, está ligada ao passado e esclarece sobre os perigos que há em se ‘considerar unidade uma realidade complexa e estruturada em classes ou, pelo menos em categorias sociais distintas por seus interesses e cultura, ou supor um “espírito do tempo” (Zeitgeist), isto é, um inconsciente coletivo, o que são abstrações perigosas’.

Le Goff (2003) ainda complementa que para a escola positivista, até o início do século XX, o documento era considerado prova histórica, um testemunho escrito, mas o autor defende a idéia de que qualquer objeto pode ser considerado uma fonte, desde que o historiador encontre nele significado para fundamentar sua pesquisa: “os vestígios da cultura material, os objetos coleção (cf. pesos e medidas, moeda), os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis, (cf. fóssil) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. animal, homo)” (p. 48).

Logo, essa pesquisa se justifica por ter como objetivo a análise dos diversos ícones monumentais que servem como referência e ilustração para a compreensão da História e Historiografia da Educação em determinada época, uma vez que estes não devam passar despercebidos, sem que haja exploração das múltiplas interpretações que possam contribuir para o alargamento de reflexões sobre um passado que alicerça muitas situações vivenciadas no presente, nem observados de forma unilateral. Febvre explica que

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (1989, p. 249).

Analisar fontes históricas, portanto, não é uma mera observação, mas uma ação que deva estar contextualizada com conhecimentos já adquiridos, como esclarece Funari (2005, p.95): “Na pesquisa histórica, as fontes que surgem interagem-se ao que já é conhecido sobre a sociedade estudada e sobre as sociedades humanas, em geral, em particular sobre aquelas semelhantes ou comparáveis àquela que nos interessa”.

Entende-se, assim, que muitas ações do presente, principalmente ao que se refere à educação, já aconteciam nos monastérios, com o intuito de doutrinar o povo, ensinar outras disciplinas ou ensinar e doutrinar através da didática pedagógica. A própria Regra de São

Bento, Capítulo 38, estimula a leitura entre os monges: “Do leitor semanário. Às mesas dos irmãos não deve faltar a leitura; não deve ler aí quem quer que, por acaso, se apodere do livro, mas sim o que vai ler durante toda a semana, a começar do domingo”. Já no capítulo 57, São Bento apresenta o incentivo à arte: “Se há artistas no mosteiro, que executem suas artes com toda humildade, se o Abade o permitir”.

No entanto, esse ensinamento não só ocorria com o uso da linguagem verbal, mas se utilizava de grande simbologia para inculcar no homem, a ideologia religiosa a qual se defendia. Portanto, compreender o significado dessa simbologia que se faz presente nos mosteiros atuais, que ainda se voltam à educação escolar, é de suma importância, uma vez que no que se refere à educação escolar, a semiótica está inserida no universo que permeia a cognição.

São diversos estudos relativos à interferência do prédio escolar, sua estrutura e seus aparatos no processo de aprendizagem. O ambiente em que se dá o processo de ensinar/aprender é relevante para a eficiência cognitiva. “O ambiente físico, como iluminação, ruídos, temperatura, ventilação, e uso de cores influenciam no conforto físico e psicológico e, portanto, no rendimento do ensino”, comenta Luz (2005, “Iluminância de interiores”). A mesma ainda observa que

[...] a iluminação e ventilação, que segundo recomendação da NBR 5413 em ambiente de sala de aula é de 300 lux. A falta e a quantidade excessiva de luz pode ocasionar ofuscamento e fadiga visual. Ofuscamento é produzido pela presença de luzes, janelas ou áreas excessivamente brilhantes em relação ao nível do ambiente, ao qual o olho foi acostumado. Este pode ocasionar cegueira, desconforto, irritação e distração visual. A má ventilação pode ocasionar fadiga, calor, stress, irritação e distração, fazendo com que estes fatores influenciem diretamente no desempenho escolar (Luz, 2005, “Iluminância de interiores”).

O Manual para Adequação em Prédios Escolares considera de suma importância os aspectos observados na fala de Luz (2005), pois explica sobre a necessidade de se adequar o prédio escolar para o bem estar dos que ali permanecem. Um exemplo está exposto nesse trecho referente ao conforto térmico:

[...] a adoção de alguns cuidados poderão minimizar as condições desfavoráveis de conforto que existirem:  $\frac{3}{4}$  altura mínima de 2,60m, para o pé-direito. Recomenda-se nas regiões mais quentes, ou quando for possível, o pé-direito de 3,00m.  $\frac{3}{4}$  isolamento térmico da cobertura;  $\frac{3}{4}$  execução de abertura para entrada e saída de ar, em alturas adequadas, que proporcione renovação e movimentos do ar nos ambientes da escola;

2. Diretrizes Básicas para o Atendimento dos Padrões Construtivos Mínimos 9 ¾ arborização corretamente posicionada para proteção das fachadas; ¾ utilização de quebra-sol, para proteção de aberturas, se a situação o recomendar; ¾ renovação da camada de ar entre o telhado e o forro (Guimarães, Trajano, Vítório, Costa & Dias, 2006, pp. 8-9).

Portanto, a estrutura de um monumento está intimamente ligada ao ato de aprender, e essa ação evidencia-se na própria construção do local destinado a esse processo, desde o espaço interno das salas, iluminação, cor de paredes, mobiliários, portanto, a disposição de toda essa estrutura é intencional e busca uma forma eficaz de transmitir informações, ou mesmo de controlar, inculcar ideologias. Incluindo à arquitetura, outra estratégia de ensino que compromete questões relativas à aprendizagem ocorre, também, através de símbolos e ícones como imagens, estátuas, entre outros artefatos.

Portanto, considerar o simbólico como fonte de forma de transmitir conhecimento seja ou não explícita leva ao reconhecimento das intenções ideológicas. Um dos locais explicitamente rico em simbologia é a instituição religiosa. É nesse ambiente que se encontram elementos diversos que induzem de forma tanto explícita, como implícita um universo de valores o qual um indivíduo deve seguir. A análise do complexo monástico paulistano, que engloba mosteiro, igreja e colégio, pode auxiliar no esclarecimento dessa questão.

Analisar a forma como se dava a ação pedagógica nesse tipo de instituição que também era escolar, de um modo particular, a que ocorreu nos mosteiros beneditinos existentes na atualidade, sua relação e influência na educação atual sugere o retorno ao período em que essas instituições religiosas tiveram início, ou seja, a Idade Média (476 d.C. – 1453 d.C.), uma vez que a educação monástica está relacionada à ideia de universidade e ao uso de metodologias pedagógicas diferenciadas, lúdicas, simbólicas.

Le Goff (1989, p.10) comenta que o homem, nessa época, “era definido pela religião”. Diante dos dogmas cristãos, o trabalho aparece como forma de servidão a Deus, penitência e castigo. De um modo geral, a sociedade medieval era gerada pelo clero, diante de uma visão teocêntrica de mundo, em que relações contraditórias como bem/mal; poder/escavidão, nobreza/plebe, clero/leigos conviviam formando um só corpo social.

Portanto, os mosteiros abrigavam monges que tinham como missão a oração o aperfeiçoamento da espiritualidade e a educação de leigos, uma vez que além dos tratos

religiosos, os monges também eram letrados, fator esse que firmava seu caráter elitista, como afirma Le Goff ao citar que tal religioso

[...] é um conselheiro, um mediador, sobretudo dos grandes. E também é um homem de cultura, um conservador da cultura clássica, um perito na leitura e escrita graças ao *scriptorium* dos mosteiros, à biblioteca e oficina de cópia e decoração dos manuscritos (1989, p.16).

Diante dessa exposição, é possível concluir que os monges precisavam que os mosteiros fossem um local equipado para o estudo não só de questões evangélicas, mas de outras disciplinas relativas às Letras, às Ciências Exatas e à Arte, pois esses religiosos também eram aqueles que decifravam a simbologia contida nos livros sagrados, a que se apresentava exposta na arquitetura de seus templos, nos números, nas imagens tão usadas pela Igreja, uma vez que os homens medievais, em maioria, não eram letrados, portanto, estes ícones tinham caráter totalmente pedagógico. Isso explica o motivo pelo qual os mosteiros possuíam diversos ícones com fins educativos e eram estruturados com biblioteca que talvez servisse como sala de pesquisas.

Foram várias as ordens religiosas no período medieval: Francisco de Assis criou a ordem dos franciscanos, Domingos de Gusmão, originou a ordem dos dominicanos. O mosteiro beneditino, foco dessa pesquisa, surgiu sob o dogma de Bento da Núrsia quando fundou um mosteiro na Itália, em Monte Cassino, por volta de 529 d.C., o que originou a ordem dos beneditinos. DelNegro (2000) esclarece que forte simbologia está intrínseca na própria construção dos monumentos dessa ordem, ou seja, a arquitetura segue padrões simbólicos na disposição de seus aposentos, o que podemos perceber no mosteiro sorocabano, uma vez que este mantenha essas características na atualidade.

Essa simbologia sugere ensinamento. O homem dialoga constantemente com símbolos e a os mosteiros apresentam esses signos de forma pedagógica. Se observarmos, por exemplo, as imagens de santos em uma igreja, percebemos que é muito comum que estas estejam em frente e nas laterais onde permanecem os fiéis, com suas faces voltadas para essas pessoas, como se as observassem. Qual o objetivo dessa disposição da representação de santos? Não seria uma forma de “vigiar” a conduta da comunidade ali presente ou, no caso da educação, uma estratégia para que o aluno se sentisse “controlado” pela entidade a qual tal imagem representa?

DelNegro (2000 pp.27, 28) nos mostra que nos mosteiros a simbologia também está relacionada a tudo. Na representação dos números: “[...] a unidade estava relacionada ao ser supremo, Deus, e o número três, relacionado, entre outros, ao mistério da Trindade”.

O três também sugere o conjunto de três matérias ensinadas nas universidades no início do percurso educativo: gramática, dialética e retórica, enquanto o quatro, o quadrívio, ou seja, as disciplinas aritmética, geometria, astronomia e música. O autor ainda observa que esse número está ligado aos quatro elementos, o valor moral, e, portanto, à forma quadrada os quais são construídos os quartos e a disposição do claustro, onde cada lado simboliza uma virtude “representada e especificada, posteriormente, por cada uma das quatro fileiras de capitéis das colunas que o compõe”.

O número sete, que é produto do três e do quatro, continua DelNegro,

[...] estava relacionado, por exemplo, ao sábado, dia em que o Senhor descansou do trabalho da semana, e das sete artes liberais do trívio e o quadrívio, e finalmente o número doze, produto da multiplicação do três e do quatro, aos doze apóstolos, aos doze patriarcas, e às doze portas da cidade de Jerusalém Celestial (2000, p.27-28).

Le Goff complementa explicando que mesmo as cores tinham representação significativa para a época, pois

A primazia do vermelho, cor imperial, cede lugar ao azul, cor da Virgem e do rei da França; o sistema branco/preto é quase imediatamente ideológico. O homem medieval habitua-se a hesitar perante o verde, cor ambígua, imagem da juventude sedutora, perigosa, a reconhecer o mal nas personagens e nas superfícies amarelas, cor da falsidade. O listrado, o pintalgado designam, sobretudo, um perigo mortal. O ouro, valor supremo, que é e não é uma cor domina (1989, p.28).

No caso dos mosteiros beneditinos, estes buscavam na cor clara das paredes, no branco predominante a ideologia de São Bento voltada à reflexão espiritual e ao trabalho, de forma simples, humilde, portanto, sem as paixões tão bem definidas nas cores quentes, como o vermelho, ou mesmo em arabescos dourados. A representação da cor branca nesse caso, era utilizada para evitar a distração, dar a impressão de ampliação ao local, se este fosse pequeno.

Outra característica marcante do mosteiro que apresenta forte simbologia está no claustro – palavra de origem latina que designa “clausura” -. Este pátio central de forma quadrada, tinha todas as outras dependências do mosteiro voltadas pra si, como explica o Arquiabade do Mosteiro de São Bento da Bahia

[...] o claustro se torna um local de passagem para a igreja, e de passagem espiritual. É o local procurado pelos monges para «uma preparação», antes de ingressarem no oratório para o ofício divino e onde permaneciam após o mesmo, continuando, por meio do silêncio, a saborear a Palavra celebrada em comum. Assim, escritores monásticos começaram a dar um sentido espiritual a esse local: para alguns, ele «é uma prefiguração do céu» (Honorius Augustodunensis, 1,149). Para o eremita Honório (1095-1135), em sua obra *Gemma Animæ*, o claustro, por estar próximo à igreja, poderia ser comparado ao Pórtico de Salomão, que ficava contíguo ao Templo e as árvores frutíferas de seu jardim poderiam ser comparadas aos livros das Escrituras (Amaral, 2010).

Esses ícones são de total importância para o reconhecimento da visão de mundo medieval que ainda se apresenta em muitas igrejas e mosteiros preservados na atualidade, especificamente no conjunto monástico beneditino de São Paulo, que ainda mantém vivas as características dos primeiros ascetários, seguindo as regras de São Bento.

De um modo geral, a construção do mosteiro consistia em dormitório, refeitório, armazém, e a igreja construída junto ao claustro. Interessante é que apesar da função pedagógica também designada aos monges, as plantas das construções monásticas primitivas não apresentam um ambiente específico para o exercício de tal ação, nem mesmo a literatura e plantas citam tal local, o que significa que as classes existentes em uma instituição escolar não seguem o mesmo formato do local em que os monges ensinavam.

Muitos mosteiros, como já citado, também possuíam vasta biblioteca, onde eram copiados manuscritos extensos, até como forma de penitência, mas nada se diz sobre sala de estudos, sala de aulas ou algum local específico ao exercício pedagógico destinado à população.

No caso do armazém, este era necessário devido ao produto resultado do trabalho na lavoura, que também está interligado ao simbólico, uma vez que a terra, como diz Rugiu (1998, p. 96) “era testemunha contínua e natural do ato criador de Deus e, portanto, trabalhá-la era como inserir-se no sulco da sua graça”.

Diante de tais características torna-se evidente a necessidade de se considerar as fontes indiretas para a compreensão da ação pedagógica inserida nos mosteiros, pois de acordo com essa ótica, é possível pensar que os monumentos estão carregados de informações necessárias para reflexões sobre aspectos que envolvem a sociedade como um todo, portanto, devem ser considerados como elementos de análise sob prisma político,

econômico, ideológico, dialético e principalmente, educacional. Bloch (2001, p.79) afirma que “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”.

Assim, percebemos a importância de analisar a simbologia de estruturas físicas, que nem sempre aparecem em documentos primários, mesmo porque nos mosteiros beneditinos vigoravam as normas de São Bento, que determinava o trabalho como forma de servidão a Deus e também independência, uma vez que buscavam na lavoura sua própria forma de sobreviver, o que conseqüentemente, exigia a alargamento territorial. Logo, a ordem beneditina foi considerada, simbolicamente, como objeto de transformação política e social.

### **3 Análise do complexo monástico de São Bento em São Paulo sob ótica pedagógica**

Em São Paulo, o mosteiro de São Bento, - de acordo com a informação da Ordem de São Bento, OSB-, foi criado no local onde se situava a taba do cacique Tibiriçá, cujo terreno fora doado aos monges em 1600 pela Câmara Municipal. Segundo informações da Ordem de São Bento, Amador Bueno refugiou-se nesse local, quando os paulistas queriam fazê-lo rei. Amador Bueno pediu que os monges acalmassem o povo o que aconteceu de forma bem sucedida. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) esclarece que

O mosteiro teve como fundador um paulista de nome Simão Luís, nascido em São Vicente, o qual mais tarde passou para a história, com o nome de Frei Mauro Teixeira. Discípulo do Padre José de Anchieta, conheceu o Cacique Tibiriçá e anos depois, construiu, no mesmo local onde existira a Taba do glorioso índio, uma igreja em homenagem a São Bento. Aí levantou um pequeno santuário, que conservou, durante algum tempo, sob seus cuidados (IBGE, 2017).

Esse episódio auxiliou pra que o mosteiro paulistano prosperasse., pois conforme Holanda (1969) o fato dos beneditinos terem dado refúgio a Amador Bueno quando foi aclamado, evidencia o prestígio que a Ordem de São Bento adquirira na vila.

Os mosteiros brasileiros, inclusive o de São Paulo prosperaram de tal forma, que conforme narra Tavares (2004, p.19)

Na Junta do mosteiro de Pombeiro, tendo por assunto principal os mosteiros do Brasil, estes foram incorporados como Província dependente da Congregação de Portugal. Consta-se, neste momento, a Província com as seguintes casas: as três abadias, Salvador, Olinda e Rio de Janeiro e dois priorados, Ilhéus e Espírito Santo, “e q. havendo-se de fazer casa em Paraíba será priorado do most. de S. João de Pernanbuco enquanto não tiver de cinco religis. para cima”<sup>47</sup>. Somente em 1607 foi o mosteiro da

Paraíba elevado à abadia. Depois destas fundações outras foram feitas, Santos (1650), Sorocaba (1660), Jundiá (1668) e Brotas (1670).

Esse progresso ocorreu mesmo com os monges beneditinos vivenciando realidades muito diferentes da europeia, uma vez que conviviam tanto com índios, como com africanos escravos; vivenciaram as ações do tropeirismo, assim como se dedicavam à lavoura canavieira, base econômica da época.

A ordem beneditina instalada no centro de São Paulo ganhou importância por ter contribuído de forma significativa para que a cidade se desenvolvesse, característica marcante desse segmento religioso. É de se imaginar que mais uma vez o preceito “Ora et Labora” estaria implícito no processo de ampliação tanto da capital, como de municípios paulistas.

A Ordem de São Bento também possuía terras em São Bernardo, Santo André, Santana do Parnaíba, Mogi das Cruzes e Sorocaba até o momento em que ocorreu a desapropriação que deu lugar aos núcleos habitacionais.

Os beneditinos eram proprietários de terras em: São Caetano (Fazenda de São Caetano) onde fabricavam telhas e tijolos para o Mosteiro, igreja e suas casas; Mogi das Cruzes (Fazenda do Parati) na qual produziam açúcar, aguardente, arroz, feijão, milho e criavam gado; São Bernardo do Campo (Fazenda de São Bernardo) na qual produziam mandioca, feijão, arroz e amendoim para azeite, além de criação de gado; dentre outras. Estas fazendas garantiam um sustento confortável aos religiosos, mas não eram as únicas propriedades. Os beneditinos possuíam em diversos pontos da cidade um número significativo de casas térreas que eram alugadas (Rossi & Assunção, 2020, p.208).

Os beneditinos contavam, portanto, com o trabalho escravo para o carregamento e descarregamento desse material, assim como para outros serviços, como a agricultura e a extração de matéria prima para a fábrica, o que alimentava ainda mais a simpatia da elite escravocrata tinha pela Ordem.

Mas as crises pelas quais passou o monaquismo afetaram diretamente o desenvolvimento dos mosteiros brasileiros e São Paulo não foi exceção. A situação gerada por Marquês de Pombal trouxe um período de estagnação à igreja católica em geral.

Posteriormente, com o advento da República em 1889, nova tribulação causou o enfraquecimento da igreja católica no país, pois a reorganização política que ocorreu no período republicano exigiu nova estrutura, principalmente no processo de produção.

No final do século XIX o país passou por nova configuração, ganhou prestígio pela

exportação, aumentou o contato com outros países. Como consequência, houve alterações na educação, com uma obrigatória busca por inovações pedagógicas que preparassem seus cidadãos às novas práticas de trabalho. Reproduzindo a exposição de Souza, vemos que nessa época o Partido Republicano Paulista

Defendia princípios democráticos como a soberania popular, a liberdade religiosa, a liberdade política e de consciência. O partido cria críticas à política geral do estado monárquico e no nível provincial trazia à tona assuntos que interessavam de perto aos fazendeiros: mão-de-obra, transporte, ensino, orçamento e administração provincial (2010, p. 91).

No entanto, a preocupação em democratizar e modernizar a educação brasileira causou insatisfação à Igreja. Segundo Manoel,

Na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica enfrentou ataques advindos de correntes ideológicas que a Igreja compreendia originarem-se de um mesmo útero: o liberal. O racionalismo, o positivismo e o materialismo ameaçavam não somente as crenças religiosas, mas também o poder temporal da instituição católica. Essa fase foi marcada pela laicização de vários serviços públicos como a educação e a administração de cemitérios (2011, p.14, citado por Rosa, 2011).

Diante dessa situação a instituição católica procurou se apoiar em todas as possibilidades para manter seu monopólio, pois o catolicismo chegou a ser a religião oficial do império, sendo a igreja católica mais ligada ao estado que à Santa Sé, algo muito possível e desejável

Leão XIII e a Secretaria de Estado da Santa Sé, a partir das experiências vividas em outros países e em outras trocas de regime político, temiam a radicalização do movimento depois da publicação da Carta Constitucional Republicana. Sua ação, naquele momento, buscava garantir a integridade da Igreja, em curto prazo, e da religião católica, a médio e longo prazo, de maneira que se mantivessem as condições necessárias para a realização da sua missão evangelizadora (Rosa, 2011, p.63).

Uma vez que para a igreja católica suas concepções de sociedade, poder político e relações familiares eram as mais adequadas à vida da oligarquia, pela educação esses valores seriam melhor inculcados e expandidos. Essa era, certamente, uma forma de se defender principalmente de ideologias políticas que defendiam o pensar e a conscientização da classe desfavorecida.

A Ordem de São Bento, que já se firmara no país, foi um dos mais importantes segmentos do catolicismo e se manteve fiel na transmissão de seus dogmas através de um sistema fundamentado na Regra de São Bento.

Com as inovações e propostas de uma nova estrutura educacional no período

republicano, a escola pública passou a se estender, diminui a porcentagem de analfabetismo no país, mas ainda sem atingir todas as camadas de crianças na idade escolar.

Saviani (2004) observa que esse sistema não estava destinado à classe mais pobre, mas a um critério de seleção que facilitava a oportunidade de formação das elites. Assim começaram as construções de prédios monumentais para representar seu avanço social no processo de escolarização. Souza, cita

A política de construções escolares promovidas pelos governos republicanos no Estado de São Paulo elevou os edifícios escolares à altura da importância atribuída à educação naquele momento histórico. A monumentalidade que revestiu as construções das escolas normais revelou o desejo do Estado em propagar e divulgar a ação do governo. [...] Em muitas cidades, ao lado da igreja, da Câmara Municipal, da cadeia e dos palacetes dos senhores e coronéis, os portentosos do lugar, o grupo escolar reluzia como um dos mais bonitos prédios públicos. Quando especialmente construídos, os edifícios escolares aparentavam ser construções sóbrias, sólidas, projetados para durar (1998, p.127).

O período republicano sustentou a ideia de uma educação voltada aos princípios liberais e positivistas. Segundo Manoel (2012, parágrafo 3): “No Brasil dos meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, ser ateu, republicano e anticlerical era, para muitos, sinônimo de modernidade”, mas ainda assim, mesmo buscando rupturas com os ideais católicos, a nova proposta para a educação manteve sua política pedagógica muito próxima às práticas dos colégios confessionais.

Apesar das características de moralização oferecidas por essa nova educação, a igreja sentiu-se ameaçada em sua soberania, cuja doutrina deveria ser a base de orientação para a vida, e passou então a se movimentar, reagindo contra as reformas, principalmente no que se referia à educação. Manoel afirma que devido a essas circunstâncias, a partir de 1903 começaram a surgir os programas da Ação Católica.

Naqueles prenúncios da modernidade, a aceleração da ciência e a liberalização, ainda que relativa, da filosofia em relação à teologia significaram, sem dúvida, um abalo, uma ameaça ao predomínio político, social e cultural exercido pela Igreja Católica Romana, ameaça que se tornou ainda mais pungente no século XIX.

Posto assim, tudo indica que o maior problema da Igreja Católica naquele momento, bem como em todo desenvolvimento subsequente da filosofia, da ciência e, finalmente, das teorias e práticas políticas, era a manutenção de sua condição de centro de referência para o mundo ocidental (2007, p.120).

Considerando esse quadro, um número significativo de escolas confessionais, assim como dioceses, conventos, igrejas, templos foram edificadas, e reformas significativas

executadas em mosteiros, com a intenção de ampliar o domínio católico. Essa era uma forma de a Igreja organizar-se diante das frentes liberais que lutavam contra seus princípios, voltados à defesa das ideias conservadoras do catolicismo ultramontano, que influenciavam em questões do estado e passaram por enfraquecimento com a autonomia política conquistada o Brasil. Para Manoel (2004, p.11) esse conflito da igreja com o estado liberal foi “um indisfarçável saudosismo da Idade Média”.

Na capital de São Paulo, nos idos de 1900, Dom Miguel Kruse, abade do mosteiro, mostrou-se grande defensor dos ideais católicos. Ele tinha influência política e social, conforme Barbosa

Dom Miguel possuiu grande influência não só religiosa, mas também política. Escreveu importantes artigos em jornais da cidade, como ‘O Estado de São Paulo’. Fundou ainda, o jornal ‘O Estandarte Católico’, que funcionava no próprio Mosteiro. Nos jornais Dom Miguel travou debate histórico com o Dr. Luiz Pereira Barreto. O debate girava em torno de acusações contra a Igreja e sua doutrina (2013, “Colégio de São Bento de São Paulo”).

O monge mostrava-se animado com a ideia da fundação de um colégio dando início a tal edificação, com a intenção de firmar ainda mais o posicionamento católico nas questões educacionais. Como apresenta o autor, Dom Miguel ao trocar correspondência com Dom Gerardo van Caloen, o abade responsável pela restauração dos mosteiros brasileiros, esclarece:

A obra caminha depressa. Esperamos que esteja pronta até fevereiro (de 1903) a fim de que possamos começar com algumas classes. A impressão que esse empreendimento está causando, não apenas em São Paulo, mas também no Rio (de Janeiro), é muito favorável. Mostra às pessoas que estamos em casa e nos preparando para um futuro grande, grandioso. Os católicos se alegram e os demais ficam perplexos (Barbosa, 2013, “Colégio de São Bento de São Paulo”).

Assim em 1902, a pedra fundamental do que viria a ser *Gymnásio de São Bento* foi assentada por Dom Antônio Cândido de Alvarenga na presença do presidente do governo de São Paulo, Bernardino de Campos.

Em 1903, quando o colégio iniciou suas atividades, foram matriculados 163 alunos do gênero masculino, descendentes da “nata” da sociedade paulistana, lembrando o costume medieval que priorizava a educação para os nobres, fazendo com que seus descendentes fossem maioria nos mosteiros, uma vez que “havia o risco de um camponês ao entrar num mosteiro e fazer carreira acabar exercendo poder sobre quem, fora do

mosteiro, era seu senhor. Isso era inadmissível no mundo medieval” (Dial, 2017, p.410).

Dessa forma, a instrução oferecida em escolas confessionais objetivava não só manter seguidores, mas apostar na formação de uma aristocracia que viesse apoiar seus projetos sociais.

#### **4 Monumento e educação**

Em 1910, com o projeto do arquiteto Richard Berndl, o Colégio de São Bento, bem como o mosteiro e a igreja, passou por reformas e se transformam em um conjunto monástico. Sua fachada imponente comparada às outras construções em um espaço central que ainda não havia sido totalmente urbanizado, marcava a presença católica na cidade.

A restauração, que só foi finalizada em 1930, acompanhou o intenso processo de urbanização pelo qual passava a cidade, mas manteve-se firme em sua ideologia, dentro de sua sólida estrutura, a fim de não perder o prestígio ameaçado pelo racionalismo moderno. O objetivo da educação era manter em vigor a doutrina católica, valendo-se para tanto das regras de São Bento.

Foi um período em que os colégios confessionais se consolidaram principalmente atendendo a classe privilegiada, visto que a igreja alimentava ideais elitistas, preparando seus descendentes ao governo do país, fato esse nítido nas imagens de personalidades significativas espalhadas nos quadros de alunos do colégio de São Bento.

Desta maneira, a instituição católica usou diversas estratégias para inculcar seus princípios, ação essa que Bourdieu (1989) traduz como “violência simbólica”. Para o sociólogo, quando se força, com pena de punição, um grupo a aceitar valores pré-determinados os quais se julga serem o ideal, está se cometendo violência simbólica, sendo essa uma forma de impor dominação não percebida pelo dominado.

A estrutura de uma instituição escolar participa do ato de assimilação; essa ação evidencia-se na própria construção do lugar destinado a esse processo: espaço interno das salas, iluminação, cor de paredes, mobiliários, localização do prédio. Conclui-se, então, que a disposição da construção é intencional e busca uma forma eficaz de transmitir informações, ou mesmo de controlar, inculcar juízos.

A materialidade dos colégios está estreitamente ligada ao conceito de educação exigido pela sociedade:

[...] para que o prédio escolar traga ganhos simbólicos para a instituição de ensino, é

preciso que sua arquitetura não fuja dos padrões de escola historicamente aceitos pela sociedade. Segundo esses padrões, para que um prédio escolar seja valorizado socialmente, ele deve apresentar estrutura física grande, área de lazer, conforto, segurança, boa aparência, sinais de modernidade ou de tradicionalidade, bem como apresentar, em sua fachada, signos que lembrem as escolas confessionais; não devendo ser edificado em espaços geográficos desvalorizados (periferias, bairros pobres, por exemplo), nem ser construído com materiais pouco valorizados socialmente, como taipa, palha e sobras de madeira ou outros, materiais esses muito associados aos segmentos sociais mais pobres da população (Sales, 2002, p.341).

Sob esse prisma, no que diz respeito à educação, Buffa e Pinto (2002) explicam a importância existente na relação do prédio escolar com a educação, ao observarem sua representação em determinado período e afirmarem que toda construção arquitetônica tem uma intenção materializada. Sales (2002, p.340) complementa: “os prédios escolares transmitem mensagens semióticas cujo conteúdo é resultante de um processo sócio-histórico de utilização de determinados elementos arquitetônicos ou signos semióticos por algumas instituições de ensino”.

A autora (2002, p.341) esclarece que estes são importantes monumentos que detêm a representação de classes e poder: “as formas arquitetônicas dos prédios escolares mais valorizadas são aquelas que estão associadas às “escolas mais valorizadas” e que são frequentadas pelos grupos de maior nível econômico e prestígio social. Esses grupos, ao legitimarem as escolas que seus filhos frequentam, legitimam também as formas arquitetônicas e atributos a elas associadas”. Escolano complementa:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos (1998, p.26).

No caso da educação católica, esta buscou firmar seus princípios de várias maneiras, principalmente focando na educação. Mesmo considerando a mudanças que ocorreram, assim como os problemas que fragilizaram a instituição, esta nunca deixou que sua essência se abalasse o que manteve sua cultura solidificada em várias partes do mundo, principalmente no ocidente. Esse sistema apresenta-se estampado na estrutura concreta de seus monumentos.

Em suas escolas, façam essas partes ou não de um conjunto monástico, suas paredes sólidas perpetuam mensagens seguindo o modelo dos mosteiros medievais. Uma vez parte

de um conjunto monástico, o Colégio de São Bento tem incorporada uma simbologia responsável por manter os valores católicos. Na arquitetura, ainda que eclética, predomina o estilo neorromânico, modelo esse que já era usado na Bélgica, principalmente em instituições públicas, assim como na Inglaterra e nos Estados Unidos.

A pintura em estilo beuronense efetuada na capela do colégio é um exemplo: procura, através de painéis, narrar fatos bíblicos como a parábola do Filho Pródigo. Noutras palavras, mesmo os que estariam distantes dos principais valores sociais e religiosos (no caso católicos), poderiam a eles retornar.

No colégio de São Bento as paredes dos corredores são brancas, apesar de em alguns espaços haver quadros com representações históricas e fotografias de ex-alunos. Boa parte da iluminação é natural, embora haja lâmpadas nos corredores. Essa técnica de luminosidade e paredes claras já foi mencionada quando se abordou a respeito da ideologia dos cistercienses, que evitavam distração com imagens nas paredes dos mosteiros.

Não se vê nas salas de aula a presença de murais ou trabalhos de alunos fixados nas paredes, somente o crucifixo que todas têm acima da lousa, de frente para os alunos. Esses ambientes são pintados em tom pastel, recebem luz natural das janelas que se abrem para o corredor e das que existem nas classes, quanto das portas, que contam com espaços envidraçados, além das luminárias artificiais.

A disposição das salas de aula apresenta a série em que o aluno se encontra marcada nas portas. Nesse sistema, o educando avança conforme a efetivação da aprendizagem dos conteúdos exigidos na série anterior de maneira satisfatória. É uma metodologia tradicional que visa esforço, concentração, percepção para se adquirir conhecimento estabelecido por um currículo predeterminado.

As séries em sequência crescente apresentam o avanço a ser alcançado ano a ano, até que se chegue à faculdade, que também se encontra no mesmo prédio. É o caminho que se deve seguir.

Essa prática tem como objetivo principal a formação moral e intelectual e busca impelir o aluno à aceitação e segmentação social, sem inquirição, muito semelhante ao que acontecia na educação monástica medieval e que se reproduz hoje não só nas escolas confessionais como nas laicas.

Souza R.F. observa como esse sistema confirma a segregação da clientela das escolas

em que o Colégio de São Bento estava e está inserido:

A classificação dos alunos, outro aspecto constitutivo do ensino em classe, ratificou a seletividade do ensino e a emergência de uma cultura da seleção fundada em critérios de excelência escolar pautadas no mérito individual. Repetência, fracasso escolar e rígido sistema disciplinar são algumas das consequências dessa estrutura organizacional (1998, p.281).

Incluindo à arquitetura, outra estratégia de ensino que compromete questões relativas à aprendizagem ocorre, também, pela via dos símbolos e ícones, a saber, imagens, estátuas, entre outros artefatos que participam da cultura escolar. Destarte, considerar o simbólico como forma de transmitir conhecimento, seja ou não manifesto, leva ao reconhecimento de juízos.

É possível observar divergências entre o espaço fechado e a proposta educacional de uma instituição se houver conhecimento de sua ideologia inserida em sua metodologia, logo é relevante considerar os ideais católicos expressos pelo método tradicional seguido pelo colégio.

Um exemplo da simbologia contida no conservadorismo da metodologia tradicional pode ser observado nas carteiras pertencentes às salas de aula, pois se são expostas de forma individual, enfileiradas, voltadas para o quadro e local onde o professor deverá permanecer em maior parte do tempo.

É uma forma que facilita o controle de conversas e atitudes de dispersão entre os alunos; uma maneira de se valorizar o individual, evitar questionamentos, estimular a aceitação das palavras do professor como verdade, em acordo com a Regra de São Bento (L3C2): “falar e ensinar compete ao mestre; ao discípulo convém calar e ouvir”.

A imagem de Nossa Senhora, símbolo da castidade, modelo feminino determinado pela igreja, está presente no corredor que dá acesso às classes, caracterizando não só a formação católica, como a importância da tradição, assim como em todos os ambientes pertencentes à escola, que têm ao menos um crucifixo na parede, além das salas de aula.

As paredes, como já dito, são decoradas com quadros que apresentam as fotografias de ex-alunos que se tornaram participantes do quadro político, ou ocuparam funções de destaque na sociedade, aparecem junto com personagens que marcaram a história de São Paulo e que também estavam ligados ao mosteiro, como Fernão Dias ou Raposo Tavares.

Tais figuras narram fatos históricos importantes. A coroação de D. Pedro II é um

exemplo e também uma estratégia usada para adequar os alunos aos objetivos e princípios da igreja, ou melhor, esperar que se tornassem os futuros dirigentes da sociedade.

Depoimento de alunos que estudaram no colégio entre os anos de 1970-1980, comentaram em entrevista em rede social em julho de 2019, que essas imagens, para eles “era impactante, impunha um certo respeito e reverência”.

As ilustrações simbolizam os futuros heróis que deixariam suas contribuições para a sociedade paulista, como declarou em entrevista o monge do mosteiro Barbosa.

Tais características seguem o que se vê em mosteiros medievais, que perpetuam seus homens ilustres através de seus perfis expostos em locais de destaque, como papas, imperadores e personalidades influentes, cujos perfis foram pintados e expostos em quadros.

A separação e distância das classes e de corredores para os outros ambientes que compõem a escola, como diretoria, sala de professores estão relacionados com a hierarquia e divisão do trabalho. Souza (1998, p. 282) observa “a divisão do trabalho docente e a distribuição do poder dentro da escola mediante o estabelecimento de hierarquias de competências entre inspetor, diretor, professores, funcionários e alunos, condicionaram a estrutura e o funcionamento destas novas instituições educativas”.

Em situações normais os alunos não têm acesso direto a esses recintos, salvo por alguma necessidade singular. Mesmo nas próprias salas de aula só se entra ou sai com a permissão do professor.

O refeitório do colégio também representa elementos da ordem beneditina. Um crucifixo está afixado acima das portas de entrada. São oito mesas de madeira ao lado direito de quem entra e sete ao lado esquerdo, com doze cadeiras, cinco a cada lado da mesa e uma em cada ponta, em referência aos apóstolos de Jesus apresentados no quadro da Santa Ceia, acima da parede da cozinha.

A recepção do colégio de São Bento apresenta uma filosofia que remete aos ensinamentos apresentados pela Astronomia (umas das quatro artes liberais do quadrivium) e da simbologia bíblica. É um dos poucos lugares em que se vê quadro de avisos e outros informativos. Tanto funcionários como alunos costumam passar por esse local para terem acesso ao interior do colégio, ainda que haja entrada pelo estacionamento, portanto, estão sempre em contato com tais ícones.

Em visita ao colégio, o monge Barbosa explicou que a luz proveniente das lâmpadas do lustre central, que se firma na cruz, representa a encarnação de Cristo. É a iluminação que sai da cruz e clareia a humanidade desde o início do mundo.

Imagens dos doze signos do zodíaco em sua respectiva ordem, a começar por Áries, que sugere o início do ciclo cronológico, são fixadas nas paredes que compõem a sala como representação do tempo que gira em torno de Deus, enfatizando os valores espirituais, mas também a ciência diante da astrologia, que junto com a astronomia, fazia parte da 7ª arte liberal.

Essa explicação, segundo o monge, não é dada aos alunos de forma explícita: “sempre achei estranho signos do zodíaco num colégio católico. Depois, bem depois que saí de lá, é que soube dessa história de astronomia”, relata um discente.

Esse ensinamento é bem explorado por Tomás de Aquino, um dos principais representantes da escolástica, que aproximava o homem do universo divino, mantendo o micro uma relação de subordinação ao macro, no caso, a disposição dos astros, os quais Aquino acreditava influenciarem todos os seres terrenos, exceto o intelecto, que propiciava o livre-arbítrio

No alto da fachada do colégio, ao lado exterior, na fachada, está estampado o busto de Nossa Senhora com o Menino, simbolizando um convite para a escola, “causa da nossa alegria”, mais uma vez confirmando a presença do pensamento de Tomás de Aquino a respeito da importância do desenvolvimento intelectual para a conquista da liberdade de escolha; para o filósofo, a única forma de se adquirir conhecimento e controle do instinto seria, então, através da educação, sem a qual o homem estaria condenado a viver em uma sociedade caótica.

Portanto, para Aquino o intelecto seria a base da libertação do homem aos seus impulsos físicos. A memória fazia parte dessa concretude, logo, seria influenciável. Uma vez que esta seria imprescindível para a aprendizagem, deveria ser controlada, pois poderia ser influenciada pelas indisposições corpóreas, o que explica a disciplina rigorosa a que os monges aderiram, e os monumentos uma forma de recordar as regras que levariam a tal elevação espiritual.

Através da análise da educação monástica medieval, partindo de sua consolidação que tem suas marcas registradas até o momento atual, é possível que se reconheça o

significado deste ambiente para a sociedade, principalmente no que se refere à historiografia e história da educação paulista.

## **5 Considerações**

A análise do complexo monástico de São Bento foi possível identificar como a religião católica pode ser inculcada através da educação, não só por conta do discurso verbal, mas com o uso de símbolos e ícones, como ocorreu em uma época em que a sociedade, de um modo geral, não era alfabetizada, e facilmente influenciável: a Idade Média. Esses ícones participam de uma estratégia educacional que não se desvincula de momentos históricos relativos a um período em que teve seus princípios determinantes.

As práticas utilizadas naquele tempo ainda se fazem presentes e trazem em si informações que dialogam com os alunos e todos que participam da instituição beneditina na atualidade. Dessa forma, pode-se entender esse sistema semiótico como um “currículo oculto” que acentua uma ideologia e a reproduz.

No decorrer da história, a igreja católica manipulou a educação e a cultura do país a ponto de superar todas as propostas educacionais posteriores, mesmo estas sendo consideradas inovações progressistas diante da pedagogia tradicional estabelecida nos antigos mosteiros.

Logicamente, essa prática é oferecida aos alunos por crer ser essa a conduta melhor, a que caracteriza a cultura católica. Seus monumentos, portanto, reproduzem esse ideal, ainda que muitos não tenham consciência desse movimento vinculado a um grupo social direcionado ao poder, uma vez que essa simbologia abstrata é considerada uma estratégia pedagógica ideal e inacessível a outros grupos que não têm acesso a esse espaço educacional, o que evidencia um caráter seletivo. Dentro dessa estrutura os alunos estão inseridos em um mundo cultural distinto da maioria.

A arquitetura escolar assim como a organização de seus espaços e seus monumentos têm em si índices de informações que direcionam o comportamento do educando. Enaltecer elementos sacros de certa forma é incentivar que estes adquiram valor e seus significados perpetuados.

A estrutura de um monumento está intimamente ligada ao ato de aprender, e essa ação evidencia-se na própria construção do lugar destinado a esse processo, desde o espaço interno das salas, iluminação, cor de paredes, mobiliários até a localização do prédio.

Portanto a disposição de toda essa estrutura é intencional e busca uma forma eficaz de transmitir informações, ou mesmo de controlar, doutrinar, desmembrar, pois poucos são os que ultrapassam as paredes de tal instituição.

Incluindo à arquitetura, outra estratégia que compromete questões relativas à aprendizagem ocorre também através de símbolos e ícones como imagens, estátuas, quadros entre outros artefatos. Destarte, considerar o simbólico como forma de transmitir conhecimento, seja ou não manifesto, leva ao reconhecimento de intenções ideológicas.

Esses elementos de análise devem ser considerados sob prisma político, econômico, dialético e principalmente para a compreensão de fatores relacionados à história da educação.

Compreendeu-se assim que a forma de ensinar não se apresenta somente em um conteúdo programático específico, mas vinculada às diversas formas de se impor valores. São diversos os estudos relativos à interferência do prédio escolar, sua estrutura e seus aparatos no processo de aprendizagem. O ambiente em que se dá o processo de ensinar/aprender é de relevância para a eficiência educacional aos olhos da sociedade.

Ao se tratar dos dogmas de São Bento e de como estes foram explorados no período medieval, principalmente na construção de prédios escolares que seguiam tal ordem, a análise física de mosteiros edificadas na época pode-se concluir através de imagens que representam esse sistema, que muitos dos princípios beneditinos permanecem na atualidade.

Ao considerar todos esses componentes, não seria possível ignorar a importância da análise de toda a estrutura, que engloba questões históricas, sociais, educacionais expressas nos monumentos medievais e sua representação aos alunos e sociedade. São estes ícones que indicam pistas dos ideais da igreja católica que resultaram na compreensão da importância do colégio São Bento na cidade de São Paulo, através de sua arquitetura e monumentos.

Nesse ambiente encontram-se elementos diversos que induzem de forma tanto explícita como implícita o comportamento que um indivíduo deve manter, ou seja, ainda que de forma diferenciada, que acompanhe avanços decorrentes da época, através desses fatores existe uma intenção educacional ao que se espera incorporar no contexto social.

A análise desse complexo monástico beneditino pôde auxiliar no esclarecimento

dessa questão, uma vez que também serve como instituição educacional. Seus monumentos são fontes de representação do modelo de cidadão que nele se insere, como ilustração da relação e principalmente econômica, ali resguardadas, que se estendem, de certa forma, da Alta Idade Média até o momento atual e por séculos vem reproduzindo políticas que mantêm desigualdades sociais também subentendidas nessa instituição escolar.

A análise do colégio, auxiliou no esclarecimento de como princípios religiosos podem ser expressos através de uma simbologia incrustada em monumentos, uma vez que estes ainda vigorem em outras instituições de ensino criadas sob essa norma. O estudo dessa instituição de ensino, assim como seus pertences colaborou para a compreensão semântica relativa à educação e integração entre simbologia e intencionalidade.

Se as estruturas política, econômica, social mantêm-se em movimento metamórfico, os signos retêm valores de origem, mesmo que possam ser reinterpretados ou readequados à medida que as mudanças ocorram. Através da interação com objetos do mundo físico conceitos que se manifestam em condutas desenvolvem-se.

Portanto, há de se considerar que mesmo sendo um ícone católico e fazer parte da história de educação paulistana, os elementos que definem o monaquismo se adequaram a outras formas de interpretação, sem, contudo, abandonar os dogmas primitivos.

Em entrevista feita a ex-alunos e com um dos monges do colégio foi possível perceber que estes não compreendem sobre a representação dessa simbologia. Conforme seus relatos, muitas vezes chegaram a por em dúvida certas representações simbólicas como a interpretação do observatório astronômico, que segundo o aluno, poderia indicar certa relação da escola com a maçonaria ou princípios semelhantes: “os beneditinos têm uma ligação tipo maçonaria... isso todo ex-aluno se identifica com essa fidelidade”.

De um modo geral, eles não reconhecem os monumentos que os cercam como elementos que configuram a igreja católica medieval, ao menos de forma consciente. Há alunos não católicos que fazem parte dessa escola, mas somente os que frequentam as aulas de religião é que têm informações explícitas sobre esses ícones de valor, o que não isenta os outros de estarem em permanente contato com tais elementos.

O complexo monástico de São Bento é um dos monumentos que funciona como armazém de memórias. Na suntuosidade de sua igreja atende a um público que ao menos

por alguns instantes, durante a liturgia, sente-se maioral. É um local que aposta na didática de manter relação dialógica da religião entre passado e presente.

Através da construção do colégio foi possível avaliar a evolução do desenvolvimento de técnicas usadas na arquitetura para representar as necessidades e intenções de uma época em que a igreja católica necessitava firmar-se diante do laicismo pregado por uma elite intelectual republicana. No que se desejou alterar, ou intensificar, ainda que sob programas imutáveis já determinados pela igreja.

Com todas as inovações e modificações causadas pelo processo de modernização, foi possível perceber que características monásticas, princípios definidos na Regra de São Bento e seus valores católicos permanecem na prática pedagógica definida para o colégio, expressos não só em seu regimento, como em sua materialidade, através de ícones que mesmo subtraídos de seu contexto sociocultural medieval, ainda que de forma implícita, transmitem mensagens, compartilham experiências herdadas da humanidade, “contam e perpetuam a história”.

## Referências

- AMARAL, D.E. D'A. do. (2010). *Papel e função do claustro na arte monástica de construir*. Recuperado de <http://sacroespaco.blogspot.com.br/2017/03/papel-e-funcao-do-claustro-na-arte.html>
- Barbosa, J.B. Neto. (2013). *Livro 110 anos do Colégio de São Bento (1903-2013). Mosteiro de São Bento de São Paulo*. Recuperado de <http://colegiodesaobento.com.br/professores/livro-110-anos-do-colegio-de-sao-bento/>
- Bloch, M. (2001). *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editor.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. (F. Tomaz Trad.). Rio de Janeiro, Brasil: Ed. Bertrand.
- Buffa, E. & Pinto, G. A. (2002). *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas (1893 – 1971)*. São Carlos, Brasil: Ed Ufscar.
- Cerri, L.F. (1998). NON DUCOR, DUCO: A ideologia da paulista unidade e a escola. *Revista Brasileira de História*, 18(36). Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000200007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200007)
- DelNegro, P. S. B. (2000). *O Mosteiro de São Bento de Sorocaba e a Arquitetura Benditina do Litoral Brasileiro e do Planalto Paulista nos Séculos XVII, XVIII, XIX* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Diel, P. F. (2017). As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia. *Revista Educação Unisinos*, 21(3). Recuperado de [revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/download/edu.2017.213.14/6343](http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/download/edu.2017.213.14/6343).

- Escolano, A. (1998). *Arquitetura como programa. Espaço, escola e currículo*. In: Escolano, A. & Viñao Frago, A. *Currículo, espaço e subjetividade. A arquitetura como programa*. (A. Veiga Neto Trad.). Rio de Janeiro, Brasil: DP&A.
- Febvre, L. (1989). *Combates pela história*. (3ª ed.). Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- Funari, P.P.A. (1995). *A Antiguidade Clássica: A História e a cultura a partir dos documentos*. Campinas, São Paulo, Brasil: Editora da UNICAMP.
- Guimarães, C. A. A., Trajano, C. M. V., Vitório, E., Costa, R. O., y Dias, W. M. S. (S.F.) *Manual para Adequação de Prédios Escolares*. (5 ed.). Brasília, Brasil: Fundescola/DIPRO/FNDE/MEC. 50.
- Holanda, S. B. de. (1969). *Visão do Paraíso*. São Paulo, Brasil: Brasiliana.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (S.F.) *Mosteiro de São Bento: Nossa Senhora do Rosário*. São Paulo, Brasil: Autor. Recuperado de <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=439425>
- Le Goff, J. (Org.). (1989). *O homem medieval*. Porto/Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- Le Goff, J. (2003). *História e Memória*. (R. Leitão. Trad.) (5a ed). Campinas, São Paulo, Brasil: Editora da UNICAMP.
- Luz, M.L.S (Org.), Mazia, C.R.O., Kachba, Y.R., y Okoshi, C.Y. (2005, 07 a 09 de novembro). *A influência da estrutura e ambientes ergonômicos no desempenho educacional*. XII SIMPEP - Bauru, São Paulo, Brasil.
- Manoel, I. A. (2004). *O pêndulo da história – tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá, Brasil: Eduem.

Manoel, I.A. (2007- abril/junho). História, religião e religiosidade. *Revista de Cultura Teológica*, 15(59). doi: <https://doi.org/10.19176/rct.v0i59.15668>

Nursinus, B. (S.F.). *Regra Monástica*. Recuperado de [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/04800547,\\_Benedictus\\_Nursinus,\\_Regra\\_Monastica,\\_PT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/04800547,_Benedictus_Nursinus,_Regra_Monastica,_PT.pdf)

Desconhecido. (2016). *O Mosteiro de São Bento no Coração de São Paulo*. Recuperado de <http://mosteiro.org.br/o-mosteiro/>

Orlandi, E. P. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Brasil: Pontes.

Rosa, L. R.O. (2011). *A Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Santa Sé no Brasil entre 1920 e 1937* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca, São Paulo, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103109>.

Rossi, J., y Assunção, P. (2020). *São Paulo, cidade imperial*. São Paulo, Brasil: Museu de Arte Sacra de São Paulo – MAS/SP, Instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

Rugiu, A.S. (1988). *Nostalgia do mestre artesão*. (Coleção Memória da Educação). Campinas, Brasil: Autores Associados.

Sales, L. C. (2002). Prédios escolares: representações sociais das escolas. *Revista de Ciências Humanas*, (Especial Temática) (6), 333-342. doi: <https://doi.org/10.5007/%25x>

- Saviani, D. (2004). Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In LOMBARDI, J.C; NASCIMENTO, M.I.M (org.) *Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas, (Coleção Memória da Educação). São Paulo: Autores Associados.
- Saviani, D., Lombardi, J.C., y Sanfelice, J.L. (Orgs.). (2006). *História e História da Educação*. (3a ed.). (Coleção Educação Contemporânea). Campinas, Brasil: Autores Associados/HISTEDB
- Saviani, D. (Org.) (2011). *Estado e políticas educacionais na educação brasileira*. Vitória, Brasil: Editora EDUFES.
- Souza, J. V. A (2010, 19 a 23 de julho). Territorialização e reciprocidades na expansão de uma Ordem: o patrimônio fundiário dos beneditinos na Bahia e em São Paulo, notas de pesquisa. Associação Nacional de História. *XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio*. Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado de [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276169469\\_ARQUIVO\\_Territorializacaoerreciprocidades.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276169469_ARQUIVO_Territorializacaoerreciprocidades.pdf)
- Souza, R. F. de (1998). *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)*. São Paulo, Brasil: Fundação editora da UNESP.
- Tavares, C. (2004, dezembro) *Os beneditinos e a sociedade colonial (1580-1611)*. (monografia) Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Curitiba, Brasil.
- Viñao Frago, A., y Escolano, A. (2001) *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. (A. Veiga Neto Trad.). (2a ed.). Rio de Janeiro, Brasil: DP&A.

Voegelin, E. (2012). *História das Ideias Políticas. Idade Média até Tomás de Aquino*. (vol. 2) São Paulo, Brasil: É Realizações.